UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IPSSCH

GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

MARYGLEICE CARDOSO PROENÇA

O ESPELHO EM NOSSAS MÃOS: REFLEXÕES A RESPEITO DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM TEMPOS DE CYBER IMERSÕES

PORTO ALEGRE
2024

MARYGLEICE CARDOSO PROENÇA

O ESPELHO EM NOSSAS MÃOS: REFLEXÕES A RESPEITO DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO CONTEMPORÂNEA EM TEMPOS DE CYBER IMERSÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito à obtenção do título de bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann
Coorientador: Prof. Dr. Fernando Hartmann

PORTO ALEGRE
2024

AGRADECIMENTOS

O caminho até a finalização deste trabalho foi longo, e por sorte não trilhei ele sozinha. A todos que me acompanharam neste percurso de graduação agradeço imensamente, não teria sido o mesmo sem vocês, eu não seria a mesma.

Agradeço à minha mãe, Maria Cardoso, não só pelo apoio, mas por impulsionar meu voo, me deixar livre para escolher meu caminho e por nunca ter soltado minha mão.

À minha avó, Marieta Cardoso (*in memorian*) por ter sido a matriarca da família, por ter me mostrado que as mulheres, no auge dos seus 80 anos, podem recomeçar e ser o que bem entenderem. Tua força e garra me acompanham até hoje. Obrigada por tudo.

Impossível não agradecer minha fiel companheirinha, Felícia, minha gatinha, que me acompanha desde o pré-vestibular, esteve comigo durante esta escrita, e tantas outras. Com ela nunca estive só, mesmo em uma cidade nova, com pessoas desconhecidas.

Agradeço também às pessoas incríveis que conheci em Porto Alegre.. À Vitória Savy, colega da graduação nesses sete anos, e grande amiga que levo pra vida. À Ellen Romero, amiga querida me enche de orgulho. Vocês tornaram meus dias mais coloridos e cheios de brilho.

À Carol, que me ensinou que psicanalistas também abraçam e que acreditou em mim quando eu duvidava mais do que nunca.

E como foi difícil! Não teria conseguido sem o apoio de Gabriel, obrigada pela presença e paciência, pela companhia para assistir reality shows de qualidade duvidosa, tudo para manter a sanidade e terminar este trabalho.

À meu amigo Vinicius, que chegou no finalzinho deste percurso, compartilhou comigo as aflições da escrita de um trabalho de conclusão, e que tornou esse processo mais divertido e leve.

Agradeço ao meu orientador, Amadeu, não só por ter me guiado neste trabalho, mas pela parceria ao longo dos anos. Se sou a psicanalista que me considero ser hoje, muito disso foi graças a você e aos colegas do NUPPCINE.

Graças a todos vocês me considero uma sujeita de sorte. Estarão sempre comigo.

RESUMO

Considerando as mídias sociais como um fenômeno do nosso tempo, este trabalho propõe uma reflexão sobre as novas formas de subjetivação no contemporâneo. Entendemos que as telas, e principalmente os smartphones, são os *espelhos* que olhamos repetidamente. Contudo, com as *selfies*, não somente se vê o próprio reflexo, mas também se captura e se modifica a própria imagem à maneira desejada. O espelho, como objeto enigmático da cultura e como conceito fundamental da psicanálise, é abordado ao longo do trabalho. A interlocução entre o estádio do espelho de Lacan e o momento histórico do estádio da selfie nos leva a pensar que vivemos em uma cultura de vidro, tal como proposto por Walter Benjamin, onde a transparência e o compartilhamento excessivo levam a um sombreamento das delimitações entre o eu e o Outro. Narciso, ao imergir em si mesmo no espelho d'água, afoga-se. Contudo, na tentativa de dar contorno e simbolizar o momento atual, faremos uso de produções da cultura, como séries e músicas, com a compreensão de que o psicanalista é, antes de tudo, um sujeito da cultura, e talvez reste a nós imergir nessas discussões para seguirmos o debate.

Palavras-chave: Psicanálise, Estádio do espelho, Selfies, Redes sociais, Narcisismo.

ABSTRACT

Considering social media as a phenomenon of our time, this paper proposes a reflection on the new forms of subjectivation in the contemporary world. We understand that screens, and especially smartphones, are mirrors that we look at repeatedly. However, with selfies, we not only see our own reflection, but we also capture and modify our own image in the way we desire. The mirror, as an enigmatic object of culture and as a fundamental concept of psychoanalysis, is addressed throughout the work. The interlocution between Lacan's mirror stage and the historical moment of the selfie stage leads us to think that we live in a glass culture, as proposed by Walter Benjamin, where transparency and excessive sharing lead to a blurring of the boundaries between the self and the Other. Narcissus, immersing himself in the mirror of water, drowns. However, in an attempt to outline and symbolize the current moment, we will make use of cultural productions, such as series and songs, with the understanding that the psychoanalyst is, first and foremost, a subject of culture, and it may be up to us to immerse ourselves in these discussions in order to continue the debate.

Keywords: Psychoanalysis, Mirror stage, Selfies, Social networks, Narcissism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

ESPELHO, ESPELHO MEU 9

ESTÁDIO DO ESPELHO 13

ESTÁDIO DA SELFIE 15

ALÉM DO REFLEXO 19

POSTO, LOGO EXISTO 22

CONCLUSÃO 24

REFERÊNCIAS 25

INTRODUÇÃO

George Sylvester Vierek, em 1926, tem a oportunidade de realizar uma entrevista com Freud. O pai da psicanálise, já em estágio avançado de câncer, é interrogado pelo entrevistador se ele, com sua teoria, teria tornado a vida na civilização moderna mais complicada, visto que antes da psicanálise não sabíamos que éramos dominados por diversos complexos. George propõe ainda que a psicanálise teria transformado a vida em um complicado quebra-cabeças (Vierek & Rossi, 1926/1998). Sigmund afirma o oposto, diz que a psicanálise não apenas simplificaria a vida do analisando, mas também reorganizaria o labirinto de impulsos dispersos, ou, dizendo de outra forma, proporcionaria o fio que levaria o sujeito a sair do labirinto de seu inconsciente.

Hoje, um século depois, a psicanálise ainda segue com seu "espírito revolucionário". Talvez não simplificando a vida, como Freud alega, mas mantendo complexo o que de fato é. A vida na civilização, as relações entre sujeitos, as pulsões inconscientes, nunca foram e, esperamos que não se tornem, simples, previsíveis ou até mesmo programáveis.

As mídias sociais, TikTok, Instagram, Facebook e Snapchat acrescentam uma camada a mais de complexidade nas relações. E, por que não, nas relações entre humanos e tecnologia, tão exploradas na literatura e no cinema.

As telas dos computadores, tablets e principalmente os smartphones, são os *espelhos* que olhamos repetidamente todos os dias. São esses espelhos que têm mediado grande parte das nossas relações, não somente no âmbito pessoal, como também no profissional.

O que vemos quando olhamos através desses espelhos?

Esta pergunta nos guiará no percurso por este trabalho, nosso fio condutor será a psicanálise. Assim, Freud (1930/2023) aponta que as obras de arte, por mais que não fossem suficientes para aplacar a angústia e o mal-estar na sociedade, ainda produziriam uma *suave narcose* (p.327) em seus apreciadores. Dessa forma, com a pretensão de perlaborar[1] sobre o que busca nosso olhar ao imergir nesses espelhos negros[2], usaremos como enlace – ou escape

[1] Escolhida por alguns tradutores, no lugar de elaborar, perlaborar pode representar melhor o que Freud (1914/2014) pretende ao usar *Bearbeitung*. Assim, perlaborar diria de um processo de trabalho aplicado, também podendo ser substituída pela própria palavra trabalho.

[2] Fazemos referência aqui à série de televisão britânica Black Mirror, que propõe cenários distópicos nos quais as relações com a tecnologia são o centro.

- produções da cultura, como músicas, filmes e séries. Estas últimas, que tiveram papel fundamental ao longo da minha graduação[3] e no exercício do olhar psicanalítico frente às formas de subjetivação contemporâneas.

[3]Durante dois anos da graduação em psicologia fui bolsista no Grupo de pesquisa em Psicanálise, Estética e Subjetivação Contemporânea, onde se articulava psicanálise com produções da cultura, como filmes, séries e músicas.

ESPELHO, ESPELHO MEU

> Há algo de místico, mágico e enigmático nos espelhos.
> Olhamos e somos olhados de volta.
> Mesmo que aquele reflexo que nos encara não nos agrade, ou que muitas vezes seja irreconhecível, seguimos sendo olhados de volta.

Não precisamos forçar muito a memória para lembrar de como a figura do espelho esteve em nosso imaginário desde muito cedo. O conto da Branca de Neve não seria o mesmo se sua madrasta não tivesse indagado ao seu espelho sobre quem era a mais bela, ela ou a moça. O objeto não apenas reflete uma imagem, mas também permite que nos olhemos de fora. Supostamente, da forma como somos vistos pelo outro.

Machado de Assis (1994), no conto *O Espelho, esboço de uma nova teoria da alma humana*, tem esse objeto como ponto central. Apesar de ser considerado por muitos um conto que trata da exaltação da aparência em detrimento da essência do personagem, entendemos aqui que vai muito além.

Na obra, quatro ou cinco nobres discutem sobre complexidades metafísicas. Em um certo momento a conversa se conduz a debates sobre a natureza da alma. Jacobina, o nobre que pouco falava, se dispõe a contar uma história; contudo, de forma rude diz que quer contá-la sem ser interrompido ou contrariado e, caso fosse, se levantaria e iria embora. Jacobina inicia sua narração já chocando os outros cavaleiros. Relata existirem não apenas uma alma, mas sim duas. Uma alma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro.

Essa alma externa, segundo ele, poderia ser um homem ou até mesmo algum objeto, como um livro, um botão ou um par de botas. Afirma que seríamos metafisicamente divididos, como uma laranja, e que a função dessas duas almas seria dar a completude ao sujeito. Além disso, a perda dessa alma externa poderia muito bem implicar a perda da existência inteira. Dá como exemplo um sujeito que perdeu toda a sua propriedade e fortuna e que isso equivaleria para o sujeito à morte em si. Jacobina acrescenta ainda que a alma externa pode mudar muitas vezes durante a vida, e para exemplificar a existência desta dualidade da alma humana narra o que lhe aconteceu quando tinha 25 anos.

Jacobina era um jovem pobre que tinha acabado de receber a nomeação de alferes, um alto cargo militar. Acompanhada a esta nomeação veio também o prestígio de muitos e também a inveja de outros. Conta que sua própria mãe o chamava de alferes e que o prestígio foi tão grande que ganhou toda sua vestimenta de amigos. Sua tia, que morava em um sítio solitário e distante, o convidou para visitá-la e pediu que ele levasse a farda.

Jacobina foi muito bem recebido, teve o melhor tratamento possível e muitas bajulações da tia, era o primeiro a ser servido no jantar e ela se recusava a chamá-lo pelo nome, pois gostava de chamá-lo de alferes. Relata aos cavalheiros que até pedia para que a tia o chamasse de Joãozinho, que era a forma como ela lhe chamava antes da nomeação, porém a tia se recusava e dizia que ele era o "senhor alferes". Conta também sobre o presente que a tia lhe deu:

> Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI (Machado de Assis, 1994, p. 3).

Jacobina acrescenta ainda que o tal espelho era robusto, muito grande e que costumava ficar na sala da casa, logo, ter colocado em seu quarto era um sinal do quanto sua tia o admirava. Acrescenta que toda essa atenção, cuidado e carinho acabaram o transformando. Diz aos cavalheiros que o "alferes eliminou o homem" (Machado de Assis, 1994, p.3). Sua alma exterior, que antes era composta por coisas simples, como o ar e o campo, o sol e os olhos das moças, deu lugar à cortesia e às regalias que recebia na casa. Cuidados esses que recebia por ter o cargo de alferes, mas não por ser o homem, o Joãozinho que a tia antes conhecia. E este mesmo já não existia mais, apenas ocupava a cabeça com o que dizia respeito às funções da patente. Conta que ao fim de três semanas era apenas o alferes, e as dores e alegrias humanas lhe representavam pouco ou nada, não lhe geravam nenhuma compaixão ou sorriso.

Até aqui, podemos propor que o conto de Machado de Assis trata sobre o apagamento da humanidade do sujeito, sobre como o reconhecimento e o *status* obtido com o cargo de alferes alteraram a "essência" do homem, ou como o autor propõe, sua alma interior.

Contudo, o que enriquece e complexifica a história é o que a ausência do olhar do outro faz com Jacobina.

O nobre segue contando o acontecimento. Relata que, após as três semanas de regalias no sítio, sua tia Marcolina recebeu a notícia de que uma filha que morava em um vilarejo distante estava prestes a morrer. A mulher foi às pressas ao encontro da filha e deixou Jacobina tomando conta do sítio junto aos escravos.

> Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais (Machado de Assis, 1994, p.4).

Jacobina, sem o prestígio e reconhecimento da tia, sem este olhar do outro – alma exterior- passa a não se sentir tão bem. Não demora muito até que os escravos aproveitassem a oportunidade e logo fugissem, deixando o homem sozinho na casa.

Conta que não teve medo por estar sozinho no sítio, mas com o passar do tempo os dias passaram a se arrastar e as noites mais ainda. Quando dormia, sonhava que se trajava de alferes e que os amigos lhe elogiavam, que seus superiores lhe ofereciam o cargo de tenente. Contudo, ao acordar, era ainda pior, pois não estava completo, era como se sua *alma exterior* o tivesse deixado. Jacobina acrescenta ainda que mal conseguia comer, mas que este não era o pior, o pior era o *tic-tac* incansável do relógio. Por mais que o homem tentasse se distrair, recitando em voz alta poemas, assobiando, fazendo uma ou outra ginástica, nada, nada parecia fazer o tempo passar.

Ao ser questionado pelos ouvintes se não havia enlouquecido, Jacobina fala que o pior ainda não contou. Diz não ter olhado um dia sequer para o robusto espelho que tinha em seu aposento. Não por vontade própria: “era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária” (Machado de Assis, 1994,p. 5).

Ao olhar no espelho, diz ter recuado. O vidro não lhe mostrou uma figura nítida, a imagem era esfumada, parecia ser uma sombra da sombra. Jacobina compreende que, por mais que soubesse que as leis da física não lhe permitiam negar que o espelho refletiu sua

imagem como de fato é, mas esta não foi a sensação que teve. Quando viu essa imagem distorcida sentiu medo pela primeira vez, e decidiu então arrumar seus pertences e sair da casa.

Enquanto se vestia apressadamente, olhava rapidamente para o espelho, e lá continuava o reflexo turvo. Foi quando teve a ideia de vestir a farda de alferes. Ao colocá-la olhou para o espelho e viu sua imagem nítida, as linhas difusas deram lugar a uma imagem integral de si. Ali estava o alferes. Diz ter reencontrado a alma exterior que havia ido embora junto com sua tia e os escravos fugidos. “Não era mais um autômato, era um ente animado” (Machado de Assis, 1994, p.6). Passou a vestir a farda todos os dias. Ficava na frente do espelho lendo, meditando, e assim conseguiu permanecer sem a presença de sua tia Marcolina, na solidão. Presença essa que lhe via como um homem importante, bonito, de alto cargo que merecia respeito.

Esse olhar do outro, que era tão crucial para o personagem do conto de Machado de Assis, me parece o ponto central da obra e também o de maior interesse para a psicanálise.

Somos sujeitos do desejo, desejo do outro.

Antes, ao olhar-se no vidro, Jacobina sentia-se desesperado “contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes” (Machado de Assis, 1994, p.6). Ao vestir a farda que ganhara de amigos e que lhe fazia ser reconhecido e respeitado, voltou a se reconhecer no que o espelho refletia.

Podemos pensar aqui que o cargo de alferes deu sentido à vida do personagem, mas este sentido vem do sentido que o Outro dava para o cargo. E, a partir disso, Jacobina passa então a se entender apenas como alferes.

Esta condição que não deixa de ser alienante, também é constitutiva.

Alienante, pois dependemos, assim como o personagem, da imagem de nós mesmos formada a partir do desejo do outro. Sozinho no sítio Jacobina estava prestes a sucumbir à solidão. Porém, para que não enlouquecesse, o homem se agarrou ao seu reflexo no espelho, que antes de retratar apenas um lugar de prestígio na sociedade, representava também aquilo que os sujeitos, que eram caros a ele, amavam.

ESTÁDIO DO ESPELHO

Para explicitar um pouco mais sobre como – idealmente - somos, desde o início da vida, alienados pelo desejo do outro e essa alienação tem caráter fundante na constituição do sujeito psíquico, nos remeteremos a Lacan.

Fazendo uma releitura de Freud, mais especificamente sobre seus escritos a respeito do narcisismo, Lacan (1949/1998), em seu trabalho *O estádio do espelho como formador da função do eu*, fala sobre algo que aconteceria com os bebês, por volta dos seis meses de vida, algo que diferencia os bebês humanos de outros tipos de animais. O estádio do espelho é o momento na vida da criança, devidamente investida libidinalmente por seus cuidadores, em que ela se reconhece ao olhar-se no espelho. Ou seja, é o momento no qual o bebê se identifica com o que vinha sendo expressado por seus cuidadores, como se pensasse "é isso que os olhos deles veem , este sou *eu*".

> O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (Lacan, 1949/1998, p.100).

Contudo, este *eu* seria aquilo, imaginariamente por parte do bebê, que seus cuidadores veem. Assim, antes era um corpo despedaçado, mas ao identificar-se com esta imagem unificada tem origem o Eu ideal.

Arriscando fazer uma alusão ao conto de Machado de Assis anteriormente mencionado, o Eu ideal seria o que é para Jacobina sua alma exterior. Quando ao olhar-se no espelho com a farda de alferes se vê nitidamente, sem bordas turvas ou linhas disformes. Nesse momento, se identifica com o que imaginava que sua tia avistava ao olhá-lo. Assim, essa unidade refletida virtualmente no espelho, que era amada pelo Outro - ou sua alma exterior – dá uma ilusória completude ao homem e é o que ele busca ser. Visto que, antes,

sem a roupa de alferes, via apenas um borrão no vidro. Sem o desejo imaginário do outro Jacobina era apenas um vulto com bordas turvas em frente ao espelho. Como se ele mesmo se mesclasse com os outros móveis da casa, abandonados tanto por sua tia quanto por seus escravos.

ESTÁDIO DA SELFIE

As selfies talvez sejam parte do núcleo que alimenta as redes sociais

Não se trata apenas da imagem de si invertida, mas também capturada

Capturada – editada e editada – compartilhada

Exposta, vista, curtida

Teriam as águas miradas por Narciso se atualizado na contemporaneidade?

O termo self utilizado no vocabulário psicanalítico a partir das considerações de Donald Winnicott. Onde o self verdadeiro seria o sujeito espontâneo, da criatividade, e o falso self seria a adaptação – ou, podemos dizer aqui, edição do verdadeiro self para se adequar ao ambiente (Neto, 2007).

Contudo, no vocabulário do sujeito atual, selfie se trata do ato de capturar a própria imagem refletida no espelho do smartphone. Tomemos atenção à palavra *ato*. O sujeito da enunciação aqui, que realiza o ato de capturar a imagem, não é a imagem em si.

Essa afirmação pode parecer óbvia ou natural, mas não parece ser o que observamos na atualidade. As imagens, fotos, vídeos têm representado ter cada vez mais valor social para os sujeitos. Não basta apenas visitar o lugar, comer a comida, assistir ao show. É preciso que tudo isso seja capturado, guardado e postado.

Há uma cena emblemática na minissérie *I may destroy you*, que explicita o que viemos falando. A série é dirigida e protagonizada por Michaela Coel e trata da temática do abuso sexual. A personagem Arabella tem sua bebida batizada em uma festa e é abusada sexualmente. Apesar do foco da série não ser a relação da personagem com as mídias sócias, isso perpassa alguns episódios.

A cena que proponho para refletirmos sobre o tema tem duração de menos de dois minutos. Nela Arabella discute por chamada de vídeo com Biagio. A personagem está deitada em sua cama com o notebook em seu colo. A discussão ocorre porque Biagio, que havia tido relações sexuais com ela poucos dias antes do abuso ocorrer pelo homem que a dopou, teve

que ir à delegacia depor. Porém, Biagio é traficante e culpa Arabella de o estar expondo, fazendo com que ele tenha que ter contato com a polícia.

Na cena, eles atravessam a fala um do outro e se insultam. Ele grita e fica muito próximo da câmera, conforme podemos ver na imagem 1.

Biagio: Bella, se tivesse ficado de olho na bebida...

Arabella: Se eu o quê?

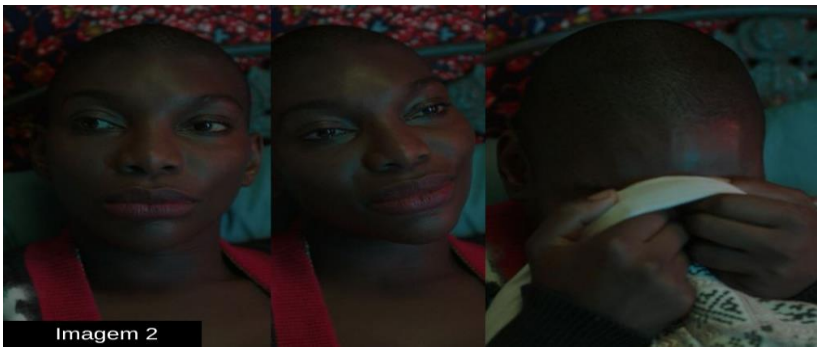
Biagio: Você não teria sido estuprada!

Arabella: Não quero mais falar com você.



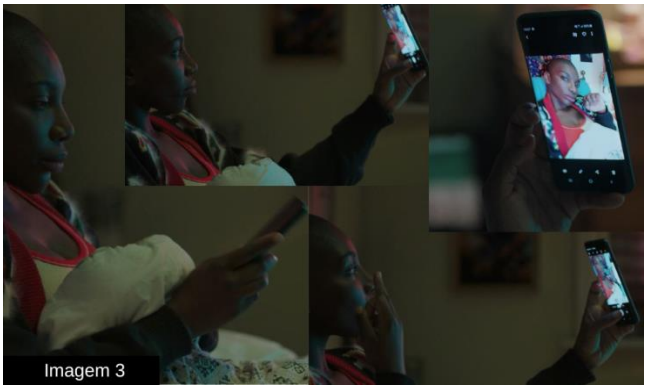
Imagem 1

Na imagem 2 vemos a cena que sucede Biagio culpando Arabella por ter sido estuprada. Ela diz que não quer mais falar com ele, fecha seu notebook imediatamente e fica com o olhar vago. Se esconde com o cobertor e chora.


Imagem 2

Se a cena toda dura menos de 2 minutos, o tempo para pensar no que acabara de acontecer, ou para simplesmente secar as lágrimas, é quase inexistente. Exatos vinte e sete segundos desde o momento em que a personagem desliga a ligação com Biagio – sai de uma tela - e pega seu celular para tirar *selfies* – imerge em outra tela.

Arabella pega o smartphone e faz fotos "tristes" com lágrimas no rosto, fotos mostrando o dedo médio. E, após fazer as *poses*, ela olha para as *selfies* que acabara de tirar (imagem 3). Ao se olhar no espelho invertido da tela do celular não sabemos se a personagem encontrou algum alívio da sua angústia.


Imagem 3

Contudo, ao postar nas redes sociais e se acomodar na cama para ler os comentários, um sorriso é esboçado no rosto da personagem (Imagem 4), que vinte e sete segundos antes tinha tido uma discussão intensa.

Um coração colorido e translúcido sai da tela de seu smartphone e vai em direção ao seu rosto, que se ilumina. Como se ali tivesse encontrado o alívio que procurava.

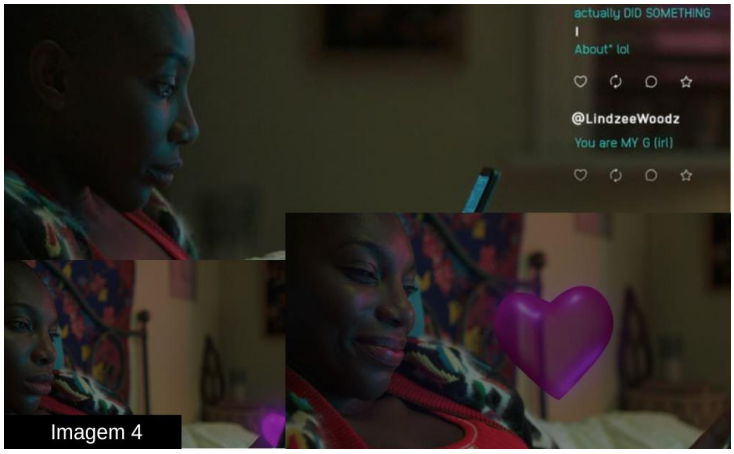


Imagem 4

Essa curta cena nos mostra muito. Não é raro encontrarmos nas redes sociais vídeos ou fotos de pessoas compartilhando não só momentos felizes, mas também tristes. Aqui não importa tanto a emoção, mas o que nos deve atenção é a necessidade do compartilhamento para que o afeto seja sentido pelo próprio sujeito.

Sentido e simbolizado.

Estaríamos atropelando, apressando e até mesmo atrofiando nossa capacidade de simbolizar, ou perlaborar? Não vivendo o labor necessário para sentir o que precisa ser sentido?

É sabido que o tempo do inconsciente não é o tempo do relógio, mas que a relação com o tempo e o inconsciente diz respeito ao tempo do trabalho do sistema Cs (Freud, 1915/1996). Ou seja, o labor psíquico exige tempo, um tempo que foge da linearidade dos acontecimentos. Somado a isso, Rezende e Weinmann (2014) propõem que “na psicanálise, o sujeito do desejo é o intervalo entre a própria pulsão e a urgência da demanda do Outro” (p.74). Logo, o tempo, esse intervalo necessário para que o sujeito do desejo advenha, é vital.

Considerando a cena analisada, os vinte e sete segundos que dividem a briga de Arabella com Biagio e o momento no qual ela começa a tirar selfies e postá-las, nos dizem muito do momento histórico que vivemos. Han (2021) salienta que "o inquietante na experiência do tempo atual não é a aceleração como tal, mas sim a conclusão faltante, ou seja, a falta do ritmo e do compasso das coisas" (p.13).

Assim, se deter ao tempo que a personagem dispõe de "silêncio", sem telas, brigas ou selfies, talvez não seja o ponto aqui, mas sim a sua falta de conclusão. Onde a busca de algum sentido possível pelo ocorrido é assaltada pelo Outro, pelos *likes* que advêm da foto triste postada.

Lacan (1945/1998), ao tratar a respeito do tempo lógico, coloca que há três instâncias necessárias para se chegar a um resultado lógico, que seriam: instante de olhar; o tempo para compreender e o momento de concluir. O primeiro seria o momento de se deparar com a questão, o segundo, o momento de refletir sobre o ocorrido e, por fim, o momento de concluir é o momento de dar fechamento e chegar a uma elaboração. Lacan exemplifica esses momentos com um sofisma, onde três prisioneiros buscam decifrá-lo, para que obtenham liberdade.

Ao se referir ao tempo de compreender, Lacan (1945/1998) aponta que "a evidência desse momento supõe a duração de um tempo de meditação" (p.205). Contudo, na cena mostrada, Arabella parece ter algum mínimo momento "contemplativo" quando se recosta em sua cama para mirar novamente sua foto postada. O coração translúcido que sai da tela de seu celular e vai em direção a seu rosto, ilumina o sorriso esboçado pela personagem, de uma forma quase infantil, nos explicita seu gozo narcísico.

ALÉM DO REFLEXO

Como mencionado anteriormente, olhamos o espelho e somos olhados de volta; contudo, com a *selfie* vamos além. Olhamos, capturamos, modificamos, compartilhamos e ainda recebemos um "*feedback*" de nós mesmos. Somos de fato alimentados de volta, com as curtidas, reações e comentários.

Han (2022), ao se referir às selfies, aponta:

> Em vista do vazio interno, se visa, em vão, a *se produzira si mesmo*. Apenas o vazio se reproduz. *Selfies são o si em formas vazias*. O *vício de selfie* acentua o sentimento de vazio. Não o amor-próprio, mas a autorreferência narcísica leva a ele. *Selfies são belas e lisas superfícies de um si esvaziado e inseguro*. *Para escapar do vazio aflitivo* hoje se recorre ou à lâmina de barbear ou ao smartphone. *Selfies são superfícies lisas que ocultam o si vazio por um curto espaço de tempo. Quando, porém*, são viradas, deparamos com as [suas] costas cheias de feridas, que sagram. Feridas são o outro lado das selfies. (p.46).

A proposta de Han (2022) de que as feridas são a outra face das selfies não poderia dizer melhor a respeito da cena analisada anteriormente. Em busca de algum alivio da angústia, a personagem de I may destroy you recorre rapidamente ao seu smartphone. Faz isso em uma tentativa de fuga, fuga das feridas que decantar as palavras ditas por Biagio poderiam causar. Ela mostra para a rede social o lado da selfie, mas, ao recostar-se na cama, olha também para esse mesmo lado. Não olhando para as "costas com feridas". Assim, o *reflexo* que é capturado no espelho invertido das redes sociais é moldado de acordo com o que se busca mostrar.



O mito de narciso, muito utilizado pela psicanálise, segue se atualizando aos dias atuais. Narciso enlouquece ao depara-se com seu

próprio reflexo no espelho d'água, ou melhor, apaixona-se. Pensa-se aqui o duplo do radical grego *pathos,* que diz de um enamoramento e fascínio, como também de um adoecimento e sofrimento diante do objeto de amor (Mano, Weinmann, & Medeiros, 2018). Narciso deixa de comer e dormir para mirar o reflexo que vê, até então imergir em sua imagem e afogar-se nas águas do lago.

Hartmann (2023) aponta:

> O mundo criado nas redes sociais é uma realidade baseada no narcisismo e sustentada pelos ideais de uma cultura neoliberal. As mensagens trocadas nas redes sociais são carregadas pelos objetos voz e olhar que saíram do corpo falante, passaram para o dígito, ganharam o espaço público da internet e aguardam a leitura de alguém que possa afirmar a existência de quem publicou tal mensagem. Esperamos o retorno da nossa imagem construída e constituída no espelho da rede. Narciso não enxerga nada além da sua imagem no lago. As bolhas nas redes sociais refletem a nossa imagem, sendo muito mais desejadas do que impostas. (p.128).

As redes sociais podem ter a tendência de furtar o caráter social que propõem ter, no sentido de serem um espaço de compartilhamento com o outro, mas acabam sendo um espaço de tornar o que era privado em público. Pensando que este "tornar público" representa mostrar-se diante de uma plateia. Assim, como aponta Hartmann (2023), buscamos encontrar nas redes o reflexo de nós mesmos e não vemos nada mais além do que faz espelho conosco, da mesma forma que Narciso, ao olhar-se no lago. As bolhas sociais e as polarizações do contemporâneo são sustentadas pelas redes e alimentadas por nossa busca do igual.

Segundo Han (2022), usando como alegoria o corpo humano, a proliferação do igual é cancerígena, o igual nos adoece. Os excessos de permissividade e de concordância gerados pelas bolhas sociais seriam como as células cancerígenas que se reproduzem incontrolavelmente. Diferentemente da alteridade, que seria representada como o estranho no corpo, o vírus, que nos levaria à produção de anticorpos e ao fortalecimento. Tudo isso para nos fazer pensar que no mundo dos likes, no mundo onde o igual é reconhecido e o que difere é rechaçado, há pouco espaço para a discordância, para a alteridade e para a dúvida. Vivemos tempos de grandes certezas e pouco diálogo. Por mais que a comunicação esteja facilitada

pela tecnologia, quando ela é em excesso ela para de cumprir sua função comunicativa e passa a ser cumulativa.

Podemos pensar que a falta do outro como alteridade e mistério nos deixa em um *funcionamento algorítmico*, programados para repetir, buscar, comprar e se relacionar com o que nos alimenta narcisicamente, incapazes de tolerar o que não é espelho.

Importante destacar que o narcisismo sob a lente da psicanálise não se trata de um amor por si, ou apenas de um egoísmo desenfreado, como muito é retratado nas próprias mídias sociais.

Freud (1914/2014) aponta que "uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no individuo" (p.37), assim, o *narcisismo primário* é crucial no início da vida. Os cuidadores depositam seu narcisismo, antes abandonado, no bebê, "his majesty the baby" (p. 63). Assim, os desejos e sonhos dos cuidadores, que antes não foram realizados, são agora depositados na criança. Idealmente, a passagem do narcisismo primário aconteceria quando parte desta libido investida no Eu passa a ser colocada nos objetos. O amor é um exemplo disso, onde a libido é retirada do Eu e depositada no objeto de amor.

Han (2017) aponta que o sujeito narcísico da contemporaneidade não consegue estabelecer suas fronteiras consigo e com o outro, como se fossem bordas sombreadas, semelhantes à imagem de Jacobina no conto de Machado de Assis abordado neste trabalho. O sujeito não percebe o outro como alteridade e "vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo" (p.10), tal como Narciso no mito.

POSTO, LOGO EXISTO

Walter Benjamin (1933/1985) aponta que vivemos uma crise da experiência. Ao analisar obras contemporâneas de sua época, afirma que brilhantes pensadores se ajustaram a esse novo tempo: “sua característica é uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século” (p.116).

Como exemplo, trata do trabalho do escritor alemão de histórias fantásticas Paul Scheerbart, cujas obras se propõem a alojar seus personagens em acomodações que se assemelhem à condição social e também de espírito. Scheerbart aloja seus personagens em residências de vidro. E sobre isso, Benjamin (1933/1985) aponta:

> “Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério.” (p.117).

Benjamin (1933/1985) propõe que é possível nomear essa cultura sem mistério, sem vestígios como sendo uma cultura de vidro. Podemos associar isso ao que Han (2022) diz a respeito das selfies serem “belas e lisas superfícies de um si esvaziado e inseguro” (p. 46). Tal superfície lisa representa aqui a tela dos smartphones, esse novo espelho que media as relações e também experiências do sujeito contemporâneo.

A partir da releitura que Lacan faz dos escritos freudianos, ele propõe que o sujeito seria dividido. Essa divisão se daria entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado, e um não existiria sem o outro. O sujeito da enunciação é o sujeito do inconsciente, quem fala, escreve, ou, por exemplo, diz “eu estou aqui agora” e assim delimita uma posição subjetiva no espaço e no tempo (Hartmann, 2023). Contudo, o sujeito do enunciado é o eu gramatical, o sujeito da frase. O sujeito do enunciado seria então a marca produzida pelo sujeito da enunciação. Assim, a frase escrita, a imagem refletida no espelho, e também a foto tirada podem representar o sujeito do enunciado.

As tecnologias da atualidade permitem que o sujeito do enunciado se afaste cada vez mais do sujeito da enunciação, ou seja, o texto escrito ou a selfie se espalham pelas redes sociais, se modificam e se reproduzem em uma velocidade sobre-humana. Assim, de acordo com Hartmann, (2023):

> O sujeito do enunciado pode se transformar ou ser onipresente, além de dispor de várias outras características antes reservadas aos deuses. Contudo, não adquirimos somente os benefícios de sermos, enquanto sujeitos do enunciado, similares aos deuses, também recebemos o peso de, aos poucos, deixarmos de estar no momento vivo. Assim, como os deuses, temos cada vez mais dificuldade de sentir o gosto da comida de Domingo, o vazio do olhar no horizonte, o prazer e o desprazer de amar em ato, o vento quente na pele ao meio-dia, a dor da perda e a angústia da existência (p.171).

Não se trata aqui de enaltecer o passado e repudiar as mídias sociais, contudo, tais cyber imersões da contemporaneidade merecem nossa atenção, visto que há quase um século Freud (1930/2023) já falava do mal-estar na cultura, onde a vida traria dores, dificuldades e desilusões; para suportá-la, cada sujeito encontraria “medidas paliativas” (p. 318). Dessa forma, as redes sociais não seriam as “distrações poderosas, que nos permitem menosprezar a nossa miséria” (p. 319) do tempo atual?

CONCLUSÃO

A arte precede os psicanalistas, e assim como Benjamin (1933/1985) relata que grandes pensadores de seu tempo se adaptaram e, apesar de desiludidos com seu século, criaram obras fieis a ele, é importante mencionar não apenas as cenas -imagens- que deram corpo a esse trabalho, mas também sua trilha sonora.

Fabrício FBC, compositor e rapper brasileiro, no álbum *O amor, o perdão e a tecnologia irão nos levar para outro planeta* (2023), traz sons possíveis para pensarmos o agora. Com letras que, em um primeiro momento, podem parecer simples como uma mensagem de WhatsApp, mas que carregam riquezas de significações possíveis. Na faixa "Dilema das redes" repete várias vezes em ritmo dançante:

> [...] Uh, pare de falar com o espelho
>
> Uh, pare de falar com o espelho (Unfollow, apenas desisto e unfollow, apenas desisto e unfollow)
>
> (FBC, 2023).

Assim como Gilberto Gil, em sua canção intitulada "Pela internet" (1997) já cantava:

> Criar meu web site
> Fazer minha homepage
> Com quantos gigabytes
> Se faz uma jangada e um barco que veleje
>
> [...]
>
> Eu quero entrar na rede
> Pra manter o debate
> Juntar via Internet
> Um grupo de tietes de Connecticut
>
> (Gil, 1997).

É momento de nos deixarmos guiar pelo ritmo do contemporâneo, frenético ritmo narcísico. A nós, psicanalistas, cabe mantermos o debate, e talvez criarmos nossa homepage.

REFERÊNCIAS

Assis, M. de. (1994). *O espelho, de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Benjamin, W. (1985/1933). Experiência e Pobreza. In S. P. Rouanet (Trad.), *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.* (Vol. 1, pp. 114–119). https://doi.org/10.21680/1984-3879.2024v24n1id34567

FBC, F. (2023). Dilema das redes [canção]. In. O amor, o perdão e a tecnologia irão nos levar para outro planeta.

Freud, S. (1914/2014). Para uma Introdução ao Narcisismo. In CEPdePA (Ed.), *Para uma Introdução ao Narcisismo: Reflexo e Reflexões* (1st ed., pp. 29–82). Porto Alegre.

Freud, S. (1915/1996). O inconsciente. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (v. XIV). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/2023). O mal-estar na cultura. In M. R. S. Moraes (Trad..), *Obras incompletas de Sigmund Freud. Cultura, Sociedade, Religião, O mal-estar na cultura e outros escritos* (1st ed., pp. 305–410). Belo Horizonte: Autêntica.

Gil, G. (1997). Pela internet [canção]. In Quanta

Han, B.-C. (2017). *Agonia do Eros* (1st ed.; E. P. Giachini, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, B.-C. (2021). *Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo* (1st ed.; L. Machado, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, B.-C. (2022). *A expulsão do outro: sociedade, percepçãoe comunicação hoje* (1st ed.; L. Machado, Trad.). Petrópolis- Rj: Vozes.

Hartmann, F. (2023). *Retorno à Caverna de Platão: Crítica Psicanalítica ao Sujeito da Modernidade* (1st ed.). São Paulo: Zagodoni

Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma. In V. Ribeiro (Ed.), *Escritos* (pp. 197–213). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In V. Ribeiro (Ed.), *Escritos* (pp. 96–103). Rio de Janeiro: Zahar.

Mano, G. C. de M., Weinmann, A. de O., & Medeiros, R. H. A. de. (2018). A paixão pelo autômato: a condição maquínica. *Psicologia Em Revista*, *24*(2), 506–523.

Neto, A. N. (2007). A problemática do falso self em pacientes de tipo borderline: revisitando Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, *41*(4), 77–88. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Rezende, T., & Weinmann, A. (2014). O(s) tempo (s) na Psicanálise e no Cinema: o sentido baseado no só-depois. *Estudos Interdisciplinares*, *6*((1)), 68–82.

Vierek, G. S., & Rossi, C. (1926/1998). O valor da vida. *Folha de S. Paulo*, *58*(1), 80. https://doi.org/10.2307/40139696